

Dilma enfrenta a própria herança

» DECO BANCILLON

Reeleita, a presidente Dilma Rousseff terá pela frente uma difícil transição para o segundo mandato, sobretudo na economia. "O país que ela herdará de si mesma é, sem dúvida, mais desafiador do que encontrou em 2010, deixado por Lula", diz o economista-chefe da Boa Vista Serviços, Flávio Calife. Os números dão razão ao analista. O primeiro mandato de Dilma foi marcado pela piora generalizada dos principais indicadores econômicos. O Produto Interno Bruto (PIB) desabou, a inflação está mais alta e o consumo das famílias desacelerou. Para piorar, não poderá mais utilizar os gastos do governo para estimular o crescimento, já que as contas públicas estão estranguladas.

O Correio ouviu fontes do governo, da academia e do mercado financeiro para identificar o maior desafio de Dilma nos próximos quatro anos. Os entrevistados foram unânimes em alertar para a debilidade das contas públicas e o risco de o país perder o grau de investimento, conquistado a duras penas em 2008. "O Brasil não pode, em hipótese alguma, sofrer um *downgrade* (rebaixamento da nota de crédito)", diz uma alta fonte do Banco Central, reforçando que o corte do rating soberano seria "devastador" para a imagem do novo governo.

Um ex-diretor do BC, que recentemente teve o nome cogitado para comandar a instituição num eventual governo Aécio Neves (PSDB), chamou a atenção para a queda dos resultados fiscais em anos de eleição. "Não é só no Brasil que o governo gasta mais em período eleitoral. Mas, neste ano, houve uma piora forte em um quadro que já era de muita dificuldade para as contas públicas", emenda.

Em 2014, o país registra o primeiro déficit primário desde a implementação do Plano Real, em 1994. Em vez de guardar recursos para pagar os juros da dívida, o setor público teve, até setembro, rombo de R\$ 15,3 bilhões nessa conta. Não por acaso, na sexta-feira, horas após a divulgação do resultado, a agência brasileira de classificação de risco Austin Rating anunciou o rebaixamento da nota de crédito do Brasil, colocando o país a apenas um passo da categoria de mercado especulativo para investidores.

"Dilma terá de fazer um duro e crível ajuste fiscal, sob o risco de levar o país a um rebaixamento de fato, por uma das três agências de renome internacional (Moody's, Standard & Poor's e Fitch), além de arruinar as chances de se reaproximar do mercado financeiro", decreta Tony Volpon, chefe de Pesquisas para Mercados Emergentes das Américas da Nomura Securities, em Nova York.

Para isso, a presidente terá de se posicionar sobre inevitáveis medidas impopulares, como corte de gastos e alta de juros, temas dos quais Dilma se esquivou durante a campanha eleitoral, e que atribuiu a um eventual governo do adversário Aécio Neves (PSDB). "Uns vão apontar para o estelionato eleitoral, mas a verdade é que esta guinada à ortodoxia é uma necessidade do governo, e não uma vontade política deste ou daquele partido", observa o economista-chefe da LCA consultores, Bráulio Borges.

O objetivo é evitar que o rebaixamento leve o país a ter de pagar juros ainda mais elevados para se financiar por meio de títulos da dívida pública. "Não sejamos inocentes. A verdade é que o eleitor vota de quatro em quatro anos, enquanto que os investidores

Daniel Ferreira/CB/D.A Press - 7/9/14



Chefe do Executivo tem o desafio de reconquistar a confiança e estimular investimentos

votam todos os dias, ao atribuir preço aos papéis do governo", assinala Bráulio.

Rombo crescente

Não é somente a política fiscal que tem tirado o sono da presidente. Diante do menor crescimento e da queda das importações, era de supor que o saldo das transações do país com o exterior melhorasse, mas não foi o que aconteceu. Nos quatro primeiros anos de governo Dilma, o rombo nas transações correntes (que incluem a balança comercial, as remessas de lucros e rendas e as viagens internacionais) saltou de US\$ 47,2 bilhões para US\$ 83,5 bilhões, até setembro de 2014. Os maus resultados fizeram do Brasil o país emergente mais endividado, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Além de mais vulnerável a choques externos, o país se tornou presa fácil para a concorrência estrangeira. E, sem a confiança na política econômica, os investimentos desabaram. Apenas este ano, a queda deve ser de 6,5%, prevê o Banco Central. Em vez de apostar no estímulo à inovação e no aumento da eficiência do setor produtivo, o governo fechou o país à importação. Os resultados foram desanimadores: a produção industrial encolhe há quatro trimestres e o país entrou formalmente num quadro de recessão técnica, após o Produto Interno Bruto (PIB) desabar no primeiro semestre deste ano.

O temor dos analistas é que a presidente mantenha as políticas atuais, como sinalizou durante o discurso de vitória, no último domingo. O risco seria a continuidade do baixo crescimento e um desgaste ainda maior com a comunidade internacional, que tende a intensificar as queixas contra as políticas protecionistas adotadas pelo governo.

Dilma terá de fazer um duro e crível ajuste fiscal, sob o risco de levar o país a um rebaixamento de fato"

Tony Volpon,
chefe de Pesquisas
da Nomura Securities,
em Nova York

Não sejamos inocentes. A verdade é que o eleitor vota de quatro em quatro anos, enquanto que os investidores votam todos os dias, ao atribuir preço aos papéis do governo"

Bráulio Borges,
economista-chefe
da LCA consultores

Fatura pesada

Presidente reeleita terá desafios maiores dos que teve quando assumiu o governo pela primeira vez

Crescimento fraco

Quando a presidente ainda era candidata, em 2010, a economia vinha em trajetória de forte crescimento. Especialistas diziam que, à época, o potencial de expansão do país estava acima de 4,5% ao ano. Hoje, após sucessivos anos de baixo desempenho, esse indicador não passa de 2%.

Evolução do PIB (em % ao ano)

Como Dilma pegou de Lula...

2007	6,09
2008	5,17
2009	-0,33
2010	7,53
Média	4,61

...Como ela entregará para si própria

2011	2,73
2012	1,03
2013	2,49
2014*	0,27
Média	1,63

Inflação persistente

O controle da inflação passou a ser meta secundária na era Dilma. Tanto que a carestia ficou, insistentemente, próxima ao teto fixado pelo governo, de 6,5%. A tolerância com a carestia está cobrando caro, obrigando uma alta dos juros, apesar de o país estar em recessão.

Evolução do IPCA (em % ao ano)

Como Dilma pegou de Lula...

2007	4,46
2008	5,90
2009	4,31
2010	5,91
Média	5,14

...Como ela entregará para si própria

2011	6,50
2012	5,84
2013	5,91
2014*	6,45
Média	6,17

Sufoco nas contas públicas

No governo Lula, as contas públicas se deterioraram, em razão da resposta à crise financeira global, elevando gastos e reduzindo impostos para estimular o consumo. Com Dilma, o quadro piorou, a ponto de, neste ano, o país registrar déficit primário, o que não ocorria desde 1997. Esse mau resultado exigirá sacrifício imediato.

Superavit primário (em % do PIB)

Como Dilma pegou de Lula...

2007	3,3
2008	3,4
2009	2,0
2010	2,7
Média	2,8

...Como ela entregará para si própria

2011	3,1
2012	2,3
2013	1,9
2014**	0,6
Média	1,9

Credibilidade em baixa

Nunca antes os empresários estiveram tão pessimistas com o futuro. Nem mesmo durante a crise financeira, em 2008. Dilma tem como meta resgatar o crescimento da indústria, que desabou nos últimos anos. Mas, para isso, terá de estimular investimento e melhorar a produtividade no país.

Confiança do empresário industrial (em pontos)

Como Dilma pegou de Lula...

4º Tri/07	62,8
4º Tri/08	53,4
4º Tri/09	68,7
4º Tri/10	62,5

...Como ela entregará para si própria

4º Tri/11	54,6
4º Tri/12	56,2
4º Tri/13	53,8
3º Tri/14	46,4

Contas externas no vermelho

O Brasil está mais vulnerável a choques externos, diferentemente do que ocorria durante o segundo mandato de Lula, quando o déficit externo era "confortável". Dilma assumiu e a situação se agravou, a ponto do banco central dos EUA apontar o Brasil como uma das cinco economias mais frágeis.

Saldo das transações correntes e participação no PIB (em US\$ bilhões)

Como Dilma pegou de Lula...

2007	1,550	0,11
2008	-28,192	-1,71
2009	-24,302	-1,49
2010	-47,273	-2,2

...Como ela entregará para si própria

2011	-52,473	-2,12
2012	-54,248	-2,41
2013	-61,108	-3,62
2014**	-83,556	-3,70

*Previsão boletim Focus **Acumulado em 12 meses até setembro

Fontes: Banco Central, IBGE e CNI